

PODERÁ O AMOR VENCER A BARREIRA DO TEMPO?

UMA ROSA PROMETIDA À CORTE

UMA VIAGEM À 1960 DA CIDADE DO WAKU KUNGO
UM SEGREDO OBSCURO.

DE JUVENÁLIA DA COSTA.

Copyright © 2020 Juvenália Da Costa Todos os direitos reservados.

Ideia original: Grupo de Arte&cultura

Revisão: Juvenália da Costa

Capa: Juvenália da Costa

Imagem de fundo: Chocolate.co.ao

Correio eletrónico

Jc20creations@gmail.com

Dedicatória

Dedico este conto ao grupo do whatsapp arte & cultura.

Agradecimento

Agradeço ao grupo Arte&cultura por me levarem ao desafio de criar uma história de amor tão linda dos anos de 1960, numa época em que eu não estava projectada para estar neste mundo.

O grupo tem o costume de criar desafios em prol da criatividade cultural. Quando vi no grupo esboços da história da Weza e do Lombá, senti que podia escrever uma história forte de um amor proibido e não hesitei.

Resumo

Os Rosas eram uma das famílias mais importantes do Waku Kungo na época de 60, mas este título não era suficiente para Terêncio Rosa. Por isso decidiu oferecer sua filha Weza à corte real, mesmo sabendo que estava apaixonada por um cantor vagabundo da vila.

Depois de expulso da própria terra como um criminoso, Lombá volta com a missão de roubá-la da corte, mas ninguém no seu juízo perfeito ousaria roubar a corte real.

CAPÍTULO 1

Em mais um dos seus passeios pela cidade, Weza consegue afastar-se dos capangas do pai e como de costume, desaparece por meia hora e deixa-os loucos procurando-a por todo o mercado.

Correu ao encontro de Lombá que a abraçou girando-a sobre o colo.

– Estás linda. Beijou-lhe a testa.

– Obrigada. Encabulou-se diante daquele elogio.

Sentaram-se sobre a pedra suja de semente de milho. Lombá segurou no violão pronto para tocar mais uma das suas canções de amor.

– Posso cantar agora? – Perguntou o sôfrego.

– Não. Quero uma serenata como as das donzelas. Hoje, às 19:00 em minha casa.

– Teu pai? - Perguntou ele.

– Não te preocupes. Ele tem um jantar de negócios com a Corte Real e deve chegar tarde. Ouvi quando falou ao mordomo. Agora vai-te embora. Não podem nos ver juntos.

Assim, continuou a sua caminhada até ao mercado, não sem antes lhe dedicar um olhar de cumplicidade e de alguma malícia até.

A hora marcada, Weza ouviu o barulho do bater de uma pedrinha no vidro da janela do seu quarto. Era o sinal. Achevou-se até a varanda e olhando para baixo viu Lombá no quintal a afinar o seu violão. Parecia que tinha tomado vários banhos pois tinha a aparência limpa. Os cabelos reluziam devido à quantidade exagerada de brilhantina com que os besuntou. Trazia com ele o Pirata.

Os primeiros acordes começaram a preencher o espaço e a voz que se soltou logo após era doce e segura:

“Nosso lindo caso de amor começou”...

Continuou de forma eloquente, como havia visto nos filmes. Weza, comovida, chorava de alegria e emoção. Era dele e ele seu! Que se danasse a Corte Real e a promessa que fizera ao pai. Ela queria ser feliz e Lombá era o homem da sua vida.

Os seus pensamentos foram interrompidos bruscamente quando as portas da varanda abriram-se de forma violenta e estrondosa e a figura de seu pai se materializou vinda do interior.

– Muito bem! Muito bem! Palmas! Palmas! Os jovens ficaram surpresos. Olhando para baixo, dirigiu-se ao encontro do rapaz.

– Olha, meu caro, admiro a sua coragem e audácia, mas, como sabeis, minha filha está prometida a outro homem, o menino da Corte Real cujo pai tenho especial apreço. Pegue em si, nesse seu maldito violão e esse cachorro pulguento e ponham-se para fora!

– Que ousadia a sua pensar que daria a mão da minha filha a um vagabundo.

As lágrimas de Weza que a instantes ainda eram de felicidade, tornaram-se amargas. Ainda tomou fôlego e tentou retrucar quando o Sr. Terêncio Rosa ordenou: – Recolha-te aos teus aposentos, menina! Desolada, Weza obedeceu imediatamente o pai e entrou.

O jovem Lombá, por sua vez, tentou protestar.

– Mas, senhor Rosa... Eu amo a sua filha e ela a mim.

– Que sabes tu sobre o amor, pobre infeliz? Quero-te fora da minha propriedade imediatamente. Não me faças soltar os cães. O jovem, resignado, encolheu os ombros e pegando no seu violão e no Pirata que não parava de ladrar, desapareceu na noite tal qual um cão perdido.

Já em passos desacelerados, Lombá ajeitava o Violão, recuperando o fôlego que lhe restava junto à entrada de sua casa e encostou-se a uma parede. Havia no seu rosto um sorriso no canto do lábio, ainda que o medo lho invadissem o peito minutos atrás. Ele sempre soube que os Rosas eram uma das famílias mais ricas do Waku e que Weza era proibida para ele, mas saber que estava prometida para outro era um golpe duro naquele coração que só sabia amar.

Quando Weza lhe deitava àquele olhar sereno, inocente, doce e algumas vezes um pouco atrevido, faziam dele o vagabundo mais feliz do mundo.

– Lombá o que fazes aí encostado à parede a esta hora?
Perguntou o irmão Joacir.

– Deixa-me com a minha dor, irmão. O irmão aproximou-se.

– O que foi Lombá? Tu nunca ficas assim. Comentou o irmão tentando ver o rosto dele que insistia em mantê-lo para baixo.

– É por ela que estás assim? Lombá passou as mãos pelos cabelos alisados levantando a cabeça para encarar o irmão.

– Sim, é ela! Eu... Eu não posso deixá-la nas mãos de outro. Disse-lhe com muita determinação.

– Mas ela está prometida por um rapaz da Corte Real mano, ninguém consegue mudar um mandato da Corte.

– Nós nos amamos, eu não consigo respirar sem ela, ela é a inspiração para eu escrever todas as canções, ela é o meu ar. O irmão assustado com a confissão de Lombá começou a imaginar uma morte sangrenta naquele exacto momento e disse-lhe imediatamente

– Eles podem matar-te!

– Então eu prefiro morrer, não poderei viver e vê-la nos braços de outro. Farei jorrar sangue por essas terras se ela não for minha, irmão! Joacir não podia acreditar naquilo que vira, o irmão estava enfeitiçado por aquela mulher, e não havia nada que pudesse fazer para lhe arrancar aquele olhar de morte dos olhos e da cabeça.

No dia seguinte, Lombá já era impedido de tocar o seu violão na praça onde tinha o costume de ficar, mesmo sendo um lugar público os homens do Sr. Rosa estavam em todo o lado impedindo-o de tocar e cantarolar por aquelas bandas. Ficou quase uma semana sem tocar em lugares públicos, passava parte do tempo a escrever canções que lhe saiam da alma, muitas delas sofridas, tal e qual como o momento que estava a passar sem ver aquele lindo rosto, aquele sorriso que iluminava o seu dia.

Pouco tempo depois uma Senhora de idade achou Lombá numa ponte esquina a noite a cantarolar e a tocar o seu violão.

"Morrem as Mães, morrem os seus filhos,

Morrem de fome igual a ele e viverás feliz

E não morrerás e algum dia livre serás

Repetia:

E não morrerás, e algum dia livre serás, viverás feliz

A Senhora ouviu naquela voz um grito de socorro que quase lhe cortava o coração e descobriu imediatamente um enorme talento. A senhora conversou com o jovem Lombá por algum tempo e ouviu a sua triste história de amor. Não hesitou

e propôs-lhe que fosse a Loanda com ela e que lhe faria conhecido por toda a Angola.

Lombá sabia que se fosse embora nunca mais a veria e aquilo era o que menos queria. Mas o que podia fazer diante daqueles homens grandes vestidos de preto?

A Senhora deu-lhe três dias para pensar e falar com a família sobre a proposta. Lombá não teve muito que pensar, o único pensamento que lhe atormentava às noites, cada minuto da sua miserável vida era em Weza. Queria libertá-la das garras de seu pai e da maldita Corte. Tentou de várias formas chegar perto dela indo para o seu quarto na calada da noite, mas sempre sem sucesso. Até que lhe ocorreu que Weza gostava de ir à missa do padre Bendito, então começou por pedir ajuda a uma amiga da Weza que conhecia muito bem e sabia sobre eles.

A amiga então ajudou-o e sugeriu-lhe que entrasse na igreja muito antes para não ser apanhado pelos guardas dos Rosas na entrada, ele obedeceu e foi logo esconder-se na casinha das confissões, pouco tempo depois começou a sentir de longe um perfume de Rosas que conhecia muito bem, ela entrou para o canto escuro, surpreendida por notar a presença de mais alguém tentou recuar, mas ele a segurou pelo braço delicadamente abraçando-a em seguida.

– Sou eu meu amor! Sussurrou-lhe no ouvido.

– Lombá? Como é que tu...?

– Xiii. – Ele a fez calar com um beijo.

– A tua amiga ajudou-nos, não temos muito tempo. Sempre atento ao lado de fora, Lombá olhava sem parar para os buraquinhos do lugar estreito, preocupado que fossem apanhados.

– Weza foge comigo! Tenho uma proposta para ir para Loanda, vou ganhar muito dinheiro e poderei dar-te a vida que mereces.

– O meu pai nos encontrará, ele não descansará até nos encontrar, e quando o fizer, mata-nos os dois.

– Não deixarei que nos encontre. Começou a beijá-la o rosto inteiro acariciando e pressionando o seu corpo no dele, provocando aos dois sensações únicas. Encostada ao corpo dele pode sentir aquele enorme volume, o beijo começou a levar outra dimensão, passando do terno ao quente, tenso, excitante, arrepiante e embriagador. Weza sentia cada parte do seu corpo tremer, uma parte úmida do seu corpo também já dava sinal de vida, estavam completamente envolvidos naquele beijo, acariciando-se até ouvirem algumas batidas na portinha que os fez voltar a realidade. Ofegantes, afastaram-se aturdidos.

- Preparado para confessar os seus pecados? Que o Senhor esteja no teu coração para que confesses os teus pecados com espírito arrependido.

Lombá fez sinal da Cruz para a sua amada e começou por dizer:

– Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo. Já se passaram anos desde a minha última confissão padre, os meus pecados são o amor e o desejo. Olhou para Weza com muita adoração e desejo.

– Fique a vontade filho, pense na verdade da sua vida frente a Deus, o que sente, o que quer. Saiba olhar com sinceridade para si mesmo e para o seu pecado porque Deus pai deseja libertar-se deles para poderes viver como um bom filho seu.

– Eu amo e estou completamente apaixonado por uma mulher prometida por outro, desejo que seja somente minha e pretendo roubá-la dele.

– Porque não pede também a mão da moça ao Senhor seu pai?

– Porque sou um vagabundo sem fortuna.

Citou algumas palavras bíblicas e aconselhou-o a não ir pelo caminho do pecado, tendo consciência do mesmo. Depois de orar o pai-nosso e abençoar o homem por trás daquele quartinho, o Padre retirou-se.

– Amo-te muito. Weza abraçou-o fortemente.

– Amor vem comigo, eu prometo dar-te tudo que mereces.

– Mas não será apenas o meu Painho a procurar-nos, ele deu a sua palavra na corte, e infelizmente eu já pertenço a

corte. As lágrimas subitamente caíram-lhe sobre o rosto. Lombá limpou-as.

– Não responda agora, eu sei que não será fácil deixar a tua família por mim, por nós. Amanhã estarei esperando por ti naquele lugar de sempre, às 23 horas. Depois da meia-noite saberei. Deixou-lhe um beijo terno na testa. – Agora vá, antes que nos peguem aqui. Fê-la sair imediatamente.

Alguns anos mais tarde...

– Amor, nós temos que ir para esse evento, é importante para a família. Eu não vou aceitar mais uma das tuas fingidas dores de cabeça. Estou cansado de me desculpar pela tua falta de educação.

– Esses eventos nunca me interessaram, são aborrecidos. Disse enquanto penteava o cabelo, sentada frente ao espelho do amplo quarto.

– Tu és mais aborrecida que os eventos, estás sempre triste, nunca te divertes, passas a maior parte do tempo a pintar aqueles malditos quadros.

Weza detestava aquele casamento, sentia-se um peixinho fora d' água dentro da corte, não amava Lúcius e sabia que nunca o amaria. Lúcius era um bom homem, um ótimo esposo, era carinhoso, amável, compreensivo, companheiro e um excelente cavalheiro. Respeitava o espaço e as crises frequentes de dor de cabeça da Weza, mas naquele

momento falta-lhe paciência para aceitar aquele comportamento mais uma vez.

– Lúcius, isso é mesmo importante para ti?

– Sim. Ele aproximou-se. – Eu não quero obrigá-la a nada amor, tu sabes disso. Apenas quero a minha mulher comigo esta noite. Lúcius beijou-lhe os ombros despídos.

– Então eu irei. Passou a mão sobre os cabelos do marido carinhosamente.

– Obrigado amor. Passa na loja da Cadá para experimentar o vestido que escolhi para ti e os acessórios. Vejo-te mais tarde. Deixou-lhe um beijo terno na testa e saiu.

“A NOITE NO GRANDE EVENTO DA CORTE”

O lugar estava deslumbrante, completamente iluminado, tudo em tons de dourado, mesas, talheres, a pista, as pessoas bem vestidas, era realmente um grande evento como Lúcius a tinha dito, estavam todos lá, os Comandantes, governantes de cidades próximas, Ministros e representantes de toda a corte, como havia sido no seu Casamento. Os filhos e filhas de todos os representantes da corte e as caçadoras de partido.

– O vestido assentou-te perfeitamente, estás linda.

– Obrigada Lúcius, ótima escolha.

– A magia não está no vestido, está em ti, iluminas tudo que tocas, sou um homem de muita sorte por te ter. Sorriu para ela.

– A honra é toda minha, esposo. Weza respondeu meio sem jeito.

– Vamos nos sentar, querida. Conduziu-a até a mesa perto do Rei João III.

Jantaram, as pessoas dançavam muito animadas e deslumbradas pela realeza. Weza não levantou em momento algum para dançar, apenas observava aquelas pessoas que transbordavam sorrisos falsos e interesseiros, aquele era realmente um mundo do qual nunca desejou fazer parte. Mas o que podia fazer? Agora fazia parte daquilo tudo e não podia evitar.

– Estamos aqui tempo suficiente, não achas? Disse com um ar aborrecido.

– Já se esqueceu das regras da corte? Não podemos abandonar um evento antes do Rei, e esse Rei no caso é o seu sogro, tenha mais respeito à esposa. Os dois riram-se.

– Meu sogro não liga para essas tolices.

Lúcius lançou-lhe um olhar desaprovador.

– Mas ele não te contou mesmo o motivo desse grande evento? Cruzou os braços.

– Não. Apenas pediu-me que trouxesse a minha linda esposa que não se cala.

Gargalharam juntos como nunca.

Ouvia-se o som do Grande Sino da Corte, batidas de taças e toda a atenção voltada para o Rei João III que começou por discursar:

– Povo do Waku Kungo, O Rei agradece a presença de todos, começo por dizer que essa cidade e esse belo povo significam para a corte, é por e com vocês que vencemos todas as batalhas e tentativa de destruição do nosso povo, hoje somos independentes e livres de opressão e da escravidão. Antes de mim reinou meu pai João II, antes do meu pai reinou meu Avô João I, antes de meu Avô reinou João Lúcius Baptista I, meu Bisavó. Hoje com muita honra passarei o trono ao meu sucessor. – Lúcius venha aqui com a sua Esposa.

Lúcius estava incrédulo juntamente com sua mulher, seu pai não estava assim tão velho para deixar o trono, subiu ao altar com Weza e se juntou ao Pai que os recebeu com beijos e abraços.

– A partir de hoje tu serás rei desse povo e meu rei também! Pelo poder que me foi dado pelo meu pai, eu entrego-te este trono porque sei que está preparado desde o nascimento.

– Pai, por que tão cedo? Questionou Lúcius baixinho enquanto o pai lhe pousava a coroa sobre a cabeça.

– Chegou a hora meu filho, eu tenho a certeza que serás um bom rei. Viva o Rei Lúcius! Gritou para o povo levantando os braços do filho. O Povo gritou também “VIVA!” Felizes.

– Obrigado pai! Lúcius agradeceu com a postura reta e tomou já o lugar que era do seu pai junto a Weza.

Depois de ocuparem todos os seus acentos um orador anunciou:

– Esse é um presente de João II para o Rei Lúcius e a Rainha. Que entre o músico.

Ouviram-se palmas.

Subiu para o palco um homem bem trajado num terno preto. Cabelos alisados tocando um violão muito antigo numa melodia ténue, harmoniosa e delicada, lá no fundo uma banda que o acompanhava ao som de “Alô Angola”

Alô Angola

Eu estou de pranto,

Correndo por essas ruas com o meu violão

Procurando aconchego que possa ser útil a toda

Essa gente que ainda canta como eu

O músico olhou para Weza com tristeza, e ela logo deu-se conta de quem se tratava, aquela voz não podia ser esquecida, mesmo que o mundo acabasse, era ele, só podia ser ele. Mais bonito e refinado, cantando uma canção de Angola

como um pranto da vida que lhe foi tirada. Caíram-lhe lágrima de tristeza no rosto, o cantor subitamente desviou o olhar para o povo e continuou:

Alô querida... ouça a minha voz

Com ela a agonia que carrego comigo

Eu sou um boêmio poeta e tão louco

Mas levo a minha Esperança que vivi

Eu sou o terror dos sorrisos perdidos...

Ouviram-se palmas por toda a corte, as pessoas adoraram aquela aparição e mulheres com olhares gulosos apreciavam aquela estrutura jeitosa do homem bem-parecido e com a voz mais envolvente que jamais ouviram por todo o Waku Kungo.

– Quem vos canta é Elias da Lombá, depois de muitos anos longe da cidade natal, volta pela primeira vez nos presenteando com a sua bela voz e o mágico violão.

As palmas aumentaram.

Elias da Lombá fez uma vénia e teve a palavra.

– Obrigado! É uma honra estar aqui, essa cidade me inspirou a compor todas as canções, mas essa, eu dedico a uma mulher que amei loucamente, tanto que era capaz de roubá-la da corte. Ele olhou para ela mais uma vez.

As pessoas riram da última frase. Porque claramente ninguém ousaria roubar a corte, nenhum ser que prezasse a sua vida se atreveria a sequer pensar naquilo.

– Ainda posso roubá-la. Disse antes de começar a cantar.

Nosso lindo caso de amor começou cedo e fugaz

Um desejo que logo nasceu com a força que o destino ditou

Tu e eu loucamente apaixonados

Ouviram-se palmas e logo o povo já dançava ao ritmo da batida.

Há tanta ternura entre nós dois

Que não existe um lugar

Nem mesmo um ponto final

Que eu marco presente ao final

Da mais linda história de amor

Que alimenta minha vida

Naquele momento veio a memória de Weza, aquele louco amor que viveram, quando ele lhe havia cantado trechos dessa linda canção na janela do quarto. Weza estava prestes a enterrar-se naquele momento, Lombá estava evidentemente a provocar o Rei olhando quase que sem parar para a sua esposa, quando Lúcius olhou para ela logo soube, entendeu às lágrimas e aquele músicozinho não parava de olhá-la.

Ao beijar a sua boca

Ao tocar o seu umbigo

Ao sentir o seu gemido no meu ouvido

Lúcius percebeu de quem se tratava naquele exacto momento, nuvens de ódio desconhecidas rodeavam-no sobre a cabeça. Levantou-se imediatamente e ordenou que parassem a música.

– Prendam-no! Ordenou.

O povo incrédulo logo pôs-se a murmurar.

Os guardas pegaram em Lombá, mas ele em protesto conseguiu imobilizar os dois primeiros, lutou com mais dois e tirou uma arma da jaqueta pegando rapidamente a Rainha apontando-lhe a cabeça, ameaçava matá-la mas não era esse o plano.

– Eu disse que te ia roubar. Fica quieta, não te vou machucar.

– Não faça isso Lombá, tu não sairás vivo daqui. Disse Weza com muito medo.

– Veremos. Afastava-se ainda mais do altar. – Diz ao teu amado para não fazer nenhuma coisa estúpida, eu não me importo de matar um Rei no primeiro dia do seu mandato.

– Não faça isso, ele não tem culpa de nada.

O Rei tentou aproximar-se, mas o que sentiu no peito foi mais forte que ele, caiu lentamente sangrando no peito.

Ouviram-se gritos por toda a corte.

Lombá aproveitou para se esconder no meio das pessoas que corriam assustadas depois do tiro. Arrastou Weza com ele para fora do palácio.

Continua...

PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA
DA COSTA, SOU
FORMADA EM
ENGENHARIA DE
PETRÓLEO.

DEDICO-ME A ESCREVER
LIVROS POR SER
APAIXONADA PELA
ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR
TER LIDO MAIS UMA
HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE
GOSTAR E LIGUE SE
PUDE AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: AO06.0040.0000.0457.3824.1019.6